



© IECCPMA/Gradiva Publicações, S.A.

**Direção** Jacinto Jardim e José Eduardo Franco

**Design, capa e paginação** António Rochinha Diogo | ARD-Cor

**Infografias** Carolina Grilo

**Revisão** Milene Alves (coord.), Rita Balsa Pinho, Ana Rita Araújo,

Bruno Venâncio, Samuel Carvalhais de Oliveira

**Impressão e acabamento** Printer Portuguesa

**Reservados os direitos para a língua portuguesa por**

Gradiva Publicações, S. A.

Rua Almeida e Sousa, 21 – r/c esq. – 1399-041 Lisboa

Telef. 21 393 37 60 – Fax 21 395 34 71

**Dep. comercial** Telef. 21 397 40 67/8 – Fax 21 397 14 11

geral@gradiva.mail.pt

1.ª edição Fevereiro de 2019

Depósito legal 451 653/2019

ISBN 978-989-616-877-3

**gradiva**

Editor GUILHERME VALENTE

**Nota**

Por indicação dos responsáveis da obra, o texto obedece ao novo acordo ortográfico.

Visite o site [www.gradiva.pt](http://www.gradiva.pt)

Oportunidades fantásticas!

## Inteligência Emocional

Do ponto de vista científico, o conceito de Inteligência Emocional foi definido originalmente por Salovey & Mayer (1990) como uma habilidade mental, mais especificamente como uma subforma de inteligência social. Viria a sofrer definições e redefinições (Mayer & Salovey, 1997), até que se chegou à seguinte: [...] "a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual" (Mayer et al., 2004: 15).

O conceito de Inteligência Emocional desencadeou nos leitores de senso comum uma aprazibilidade de expansão mundial; teve tal impacto, que a Inteligência Emocional foi mencionada nos principais periódicos e revistas de todo o mundo, incluindo na revista *Time* (Gibbs, 1995). Nomeadamente, e porque é facto, o termo Inteligência Emocional foi selecionado, nesse ano de 1995, como sendo a expressão de maior utilidade, pela American Dialect Society.

Enquanto modelo de processamento de informações emocionais, a Inteligência Emocional envolve quatro capacidades: 1) a percepção acurada das emoções; 2) o uso da emoção para facilitar o pensamento, a criatividade e a resolução de problemas nas suas vidas; 3) a compreensão das emoções; 4) a gestão de emoções ou gestão emocional. Para avaliar essas capacidades,

desenvolveram-se instrumentos específicos, sendo o mais utilizado o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (Mayer et al., 2002), composto por oito tarefas que medem as quatro capacidades referidas:

A percepção emocional é avaliada solicitando-se ao respondente que identifique emoções em faces e paisagens; para testar a facilitação de pensamento, o sujeito deve identificar que emoções promovem determinados pensamentos e atividades intelectuais; a compreensão emocional é medida através da forma como o respondente entende a formação e a integração das emoções; a gestão emocional é avaliada através da apresentação de histórias curtas que descrevem situações sociais, perguntando-se como geriram as suas emoções nas respetivas situações.

Após análise e reflexão sobre os sucessivos resultados, ao longo dos estudos efetuados, Mayer et al. (2008) defenderam que a Inteligência Emocional diz respeito à habilidade de raciocinar acerca das emoções e de as utilizar no processo do pensamento.

Como emergiu este conceito? Ou seja, como se encontra um constructo híbrido, como é o constructo de Inteligência Emocional?

O conceito terá partido da importância verificada e assumida para o fenómeno concebido como inteligência humana: em primeira linha cronológica, a partir dos estudos de Herbert Spencer e Francis Galton e dos instrumentos que terão criado para a poder estudar, e em segunda linha cronológica, já no final dos anos 80 do século xx, para o interesse colocado na emoção humana. Não é possível pensar a Inteligência Emocional sem a associação dos conceitos de "inteligência" e "emoção".

É, portanto, a partir de um conjunto de sequências de estudos e desenvolvimentos em torno do Homem e das suas habilidades, e da busca pela melhoria da sua eficácia para a vida – nomeadamente a nível académico –, que o conceito se veio desenvolvendo.

De forma sucinta, terá sido no início do século xx, com os trabalhos, por um lado, do fator geral de inteligência de Spearman, em 1904, e por outro lado, com o teste satisfatório de inteligência de Alfred Binet e Théophile Simon, em 1905 (Matthews *et al.*, 2002), que o conceito de inteligência viria a suscitar a reflexão de pensadores e investigadores da altura. Com a progressiva evolução das reflexões e pesquisas na matéria, viriam também a criar a pertinência e a convicção acerca da necessidade de abandonar o modelo monolítico de inteligência e de perspectivá-la de forma menos abstrata, num constructo mais amplo e expandido.

Em 1936, surge a inovadora proposta de *inteligência social*, de Thorndike, como sendo a capacidade de perceber os estados emocionais próprios e alheios, os motivos e os comportamentos, bem como a capacidade de agir com base nestas informações, descodificando as mensagens percecionadas do contexto social, e de desenvolver estratégias comportamentais eficazes com vistas a objetivos sociais (Siqueira *et al.*, 1999). Quase em simultâneo, em 1938, Thurstone veio defender, por oposição ao modelo formulado por Spearman, que a inteligência pode ser estudada através da análise fatorial, identificando sete fatores (compreensão verbal, fluência verbal, aptidão numérica, visualização espacial, memória, raciocínio e velocidade perceptiva), estudáveis através do teste de capacidades mentais básicas.

Numa visão longitudinal acerca de todas estas sucessivas propostas, o facto é que estava criada a necessidade de perspetivar a diferenciação e a diversidade para conceber a inteligência. E assim foi. Dos anos 40, com o pós-guerra na Europa, até aos anos 80, surgiram sucessivas reapreciações, tanto acerca do conceito como dos respetivos instrumentos de medida.

Como ponto de viragem, em 1983, o livro *Frames of the mind*, de Howard Gardner, ao apresentar a conceção da teoria das Inteligências Múltiplas, propõe – por oposição ao modelo monolítico de coeficiente de inteligência – um conjunto de sete inteligências: a linguística, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a corporal-cinestésica, a inter e a intrapessoal. Considerou também que os indivíduos diferem nos perfis particulares de inteligência com que nascem e morrem, preconizando a possibilidade de tais inteligências poderem ser exploradas e reforçadas pela educação e até mesmo aprendidas, se fossem ensinadas (Veiga-Branco, 2005: 174).

Esta conceção multifacetada, dinâmica e transformista da(s) inteligência(s) rompe com o padrão clássico do constructo e permeabiliza a legitimação da expansão do constructo de inteligência a várias áreas de potencialidades/habilidades dos seres humanos, colocando a tónica no que se denominou as inteligências pessoais.

Emergem progressivamente propostas para vários tipos de inteligências, e.g., a “*inteligência prática*” de Sternberg e as reflexões e os estudos sobre a “*inteligência social*” e sobre a “*inteligência afetiva*” de Forgas, que focam a inteligência na sua aplicação aos quotidianos, na forma como os indivíduos adaptam,

modelam e selecionam o contexto para a resolução de problemas.

Mas viriam a ser posteriormente Salovey & Mayer (1990) quem, de facto, ao redefinir as inteligências pessoais de Gardner, criaria e definiria o conceito de Inteligência Emocional ou Coeficiente Emocional, num modelo misto. Estes autores definem o modelo com quatro níveis – como se apresentou no início (Mayer *et al.*, 2002) – e definem cada nível da seguinte forma:

- Perceção emocional significa reconhecer diferentes emoções em si e nos outros, de maneira acurada, e expressá-las socialmente. Os autores defenderam que a perceção emocional poderia estar associada a um sentimento de competência para lidar com diferentes situações e pessoas, na medida em que o componente emocional poderia agir como um importante recurso de informação;
- A emoção como facilitadora do pensamento é a capacidade de o pensamento gerar emoções e a possibilidade de estas influenciarem o processo cognitivo. Defendem que as pessoas competentes em integrar emoções com a cognição tenderiam a usar emoções de tonalidade positiva para desenvolver criatividade e processar a informação de forma integrada e necessitariam de menor esforço cognitivo no processamento de informação e na resolução de problemas de ordem emocional;
- Compreensão emocional diz respeito a três habilidades: (a) capacidade de identificar emoções e codificá-las; (b) entender os seus significados, o seu curso e a maneira como se constituem e se correlacionam; e

(c) conhecer as suas respetivas causas e consequências. A habilidade, a compreensão emocional seria uma variável moderadora da capacidade de entender significados e situações emocionais, através da utilização de processos de memória e codificação emocional (Mayer *et al.*, 2002, 2004). Lyons & Schneider (2005) referiram que a capacidade de entender e prever novas emoções está associada a sentimentos de previsão e controlo de contextos emocionais no quotidiano;

- A gestão emocional é a regulação de emoções em si e nos outros, *i.e.*, a capacidade de gerar emoções positivas e reduzir as negativas, conforme o caso (Mayer & Salovey, 1997).

Em geral, a bibliografia científica vem progressivamente expondo que pessoas capazes de modificar as emoções de forma a modelar respostas afetivas de acordo com seus objetivos e contextos poderiam obter benefícios em variadas situações, como na gestão de *stress*, *e.g.* (Lyons & Schneider, 2005). A capacidade de reduzir a intensidade das suas emoções e de gerar experiências emocionais poderia ocasionar sentimentos de autocontrolo. A habilidade de regular as emoções nos outros poderia ocasionar sentimentos de controlo situacional, sendo referente à satisfação com a qualidade das interações sociais e à obtenção de suporte dessas interações (Lopes *et al.*, 2003). O controlo emocional traduziria a habilidade de regular emoções com o objetivo de promover o bem-estar e crescimento emocional e intelectual.

Os estudos destas habilidades apareceram nas publicações que as relacionavam com a eficiência e a eficácia

em contexto do empreendedorismo, nomeadamente em líderes ou pessoas com responsabilidades de gestão de recursos humanos.

De forma mais ou menos simultânea, as neurociências investiam concomitantemente no estudo da emoção, e Damásio e LeDoux marcaram o ponto determinante, ao mostrarem que os sistemas emocionais e cognitivos estão muito mais integrados do que parecia inicialmente (Damásio, 1995; LeDoux, 2000): LeDoux porque veio mostrar que há um conjunto de informações sensoriais que não dependem do neocórtex e das suas determinações, e Damásio porque, acentuando a tónica na emoção, veio propor a hipótese do marcador somático. Damásio, no livro *O erro de Descartes*, ao colocar a emoção a preceder o ato de decisão, defende, de forma clara, que a decisão, que se pensava que implicava apenas um raciocínio que conduzia à opção por uma das respostas, pode ser influenciada por um sinal somático (sensação visceral ou não visceral) que a precede. LeDoux, corroborando a abordagem de Damásio, defende que as informações sensoriais, ao chegarem ao tálamo, seguem dois caminhos distintos: um dirigido ao neocórtex – já conhecido e assumido como único –, e um outro, numa única sinapse e, por conseguinte, mais rápido, dirigido à amígdala temporal – estrutura do sistema límbico, sistema responsável pelo tratamento e armazenamento da informação emocional. Opostamente ao conhecimento anterior – de que a resposta emergente da amígdala era sempre e só posterior à informação neocortical –, reconheceu-se com estes autores não só que a emoção precede, em alguns casos, a cognição, como

também o estatuto de relevância e novidade da amígdala, que se verificava então ser um elemento relevante no controlo do comportamento dos indivíduos. Assim, estes dois autores modificaram o estatuto da emoção, tornando-a fundamental, ao defenderem que os sinais emocionais são determinantes para o processo de raciocínio, ao ser a experiência emocional em si mesma, e de forma rápida, um contributo para ajudar o indivíduo a adaptar-se melhor ao contexto em que vive. A partir daqui, a emoção assume um estatuto realmente assinalável, seja ao nível científico, seja ao nível dos diversos campos de trabalho, nomeadamente na saúde, educação e na gestão empresarial.

Todavia, terá sido a partir da obra de Goleman (1995) que o conceito de Inteligência Emocional foi divulgado e organizado em cinco capacidades específicas, com objetivos diferentes, porque perscrutam diferentes dimensões do humano: três a nível intrapessoal (a autoconsciência, a gestão de emoções e a automotivação) e duas a nível interpessoal (a empatia e a gestão de emoções em grupos).

Posteriormente, o autor direciona este constructo para a área laboral e empresarial. Além de definir Inteligência Emocional e compreensão emocional, reforça o modelo que, mantendo-se de natureza mista, apresenta então 25 competências inseridas em cinco dimensões ou capacidades, a que o autor atribui características específicas (Goleman, 1999: 37), sustentando que são independentes entre si (cada uma tem contribuições únicas para o desempenho no trabalho), interdependentes (cada uma se baseia, até certo ponto, nas anteriores, com muitas interações

fortes), hierárquicas (as competências da Inteligência Emocional assentam umas nas outras), necessárias mas não suficientes (de tal modo que possuir uma das capacidades de Inteligência Emocional subjacente não garante o desenvolvimento das competências associadas, tais como a colaboração ou a liderança, sendo importante que o clima social e relacional, da escola ou do local de trabalho, promova essa capacidade) e genéricas (aplicam-se a todo o tipo de trabalhos, mas trabalhos diferentes exigem competências diferentes e/ou níveis diferentes de algumas capacidades).

Nos seus estudos, e no sentido de operacionalizar conceitos, Veiga-Branco distingue o conceito de Inteligência Emocional dos de realização emocional e de competência emocional. A autora corrobora os anteriores autores considerando que "a Inteligência Emocional representa a aptidão, ou a capacidade central de raciocinar com emoção", mas defende que o constructo apenas indica um potencial que o organismo ou a pessoa está *a priori* dotado para concretizar (2005: 171). Considera que é um esquema abstrato, conceptual, acerca de comportamentos, metas ou finalidades, que expõem imagens em nós, acerca "do como se deve" fazer, no sentido de orientação pessoal. Assim, e por diferenciação, foca a "a realização emocional, como a evidência que representa o que uma pessoa aprende sobre emoção ou informação relacionada com a emoção", considerando que é o contexto que expõe a ação em concreto. Refere que será neste conceito que devem ser consideradas e analisadas as variáveis de unicidade, ou seja, as características de personalidade e de percepção, que dizem respeito a

cada sujeito, como indivíduo, tal como as memórias emocionais e percepções atuais que servirão de leme valorativo emocional, sobre o qual será exibido um comportamento de resposta a nível cognitivo (ou não) com diferentes níveis de consciência, no momento ou após executar aquelas ações, inseridas no seu contexto.

Mayer *et al.* (2000) distinguiram dois grandes modelos dentro das definições propostas de Inteligência Emocional: o modelo de habilidade, em que o conceito é definido a partir de desempenhos ligados aos aspetos emocionais que esta capacidade permite realizar, e no qual estes autores se incluem; e os modelos mistos, em que, a par das habilidades, aparecem incluídas também características de personalidade, e nos quais os autores incluem as teorias de Goleman e de Bar-On.

Independentemente de todas as componentes teóricas, importa referir a mais-valia da Inteligência Emocional na vida, nomeadamente em áreas profundamente importantes, como é o caso da felicidade, já que Queirós (2014) defende que a construção da mesma pode ter como base as competências da Inteligência Emocional. No que diz respeito ao desempenho empresarial, a literatura foi sugerindo que a Inteligência Emocional é determinante no sucesso de vida e que as capacidades que lhe são atribuídas são tanto mais importantes quanto mais as pessoas ascendem nas suas carreiras (Kolb & Hanley-Maxwell, 2003; Richburg & Fletcher, 2002).

Nos progressivos estudos, a Inteligência Emocional continua a ser estudada e defendida como variável moderadora de sucesso. Kouzes & Posner (2011) defenderam que os líderes com

alto nível de Inteligência Emocional são frequentemente descritos como assertivos, ambiciosos, pacientes e charmosos, com boas relações no grupo de trabalho e bom desempenho, inclusivamente na tomada de decisões, são eficientes no seu desempenho e nas responsabilidades, eliminam conflitos comunicacionais, interagindo com o grupo de trabalho, e percebem as emoções do seu *staff*. Os autores verificaram que a Inteligência Emocional pode ser aprendida, mas requer honestidade, envolvimento e experiência.

Mais recentemente, Yong (2013) apresentou evidências da forte relação positiva entre as práticas de liderança eficazes e a Inteligência Emocional, defendendo que os líderes considerados emocionalmente inteligentes são capazes de exibir habilidades intra e interpessoais. Posteriormente, Key *et al.* (2015) verificaram que as percepções positivas de autoconfiança e autoimagem permitem que um líder se possa adaptar às mudanças, sem perturbar a cultura e o clima relacional, defendendo que a Inteligência Emocional começa com o autoconhecimento (as emoções, os valores pessoais, os preconceitos, as percepções, bem como os pontos fortes e fracos e os respetivos objetivos da carreira). O que é relevante é que estes autores também verificaram que os superintendentes adjuntos que apresentam as atitudes inerentes à Inteligência Emocional apresentam a capacidade de se autocontrolarem e de tomarem decisões apropriadas mesmo em situações difíceis.

Na área da educação, muitos estudos têm sido efetuados e, em suma, poder-se-ia concluir que é evidente a relação entre a Inteligência Emocional

e as capacidades de aprendizagem e relacionamento com os outros. Nos sucessivos estudos, veio sendo verificada a correlação significativa entre a Inteligência Emocional e a autoeficácia académica e o rendimento académico (Adeyemo, 2007; Sünbül & Aslan, 2007). Nasir & Masrur (2010), corroborando os resultados de Sünbül & Aslan (2007), Nelson & Low (2005) e Parker *et al.* (2004), verificaram não só que a Inteligência Emocional é preditora na identificação do sucesso e insucesso académicos, como também verificaram a relação positiva entre Inteligência Emocional e rendimento académico. Mais recentemente, Fayombo (2012), corroborando os resultados de estudos anteriores, revela que o rendimento académico está positiva e significativamente correlacionado com a perceção emocional, expressão emocional positiva, empatia, interação, decisão baseada na emoção e está negativamente correlacionado com a expressão emocional negativa.

Atualmente, Mahdi *et al.* (2016) verificaram duas evidências em estudantes: a primeira é que quanto menor é o nível de perturbação da saúde mental, maior é o nível de Inteligência Emocional. A segunda é que além das diferenças entre géneros – com maior nível de Inteligência Emocional para o género feminino –, nem o estatuto institucional nem a área científica do curso apresentam efeito moderador, pelo que defenderam que as diferenças na Inteligência Emocional poderiam ser moderadas por variáveis socioculturais e económicas dos estudantes, mais do que pelo tipo de escola ou tipo de curso.

Concluindo, fica claro que não se poderá, no presente e futuro, negar a

importância e mais-valia da Inteligência Emocional e da competência emocional, reconhecidamente assumidas ao nível internacional por diversos organismos, e.g., a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2011). Rychen & Salganik afirmam que “as mudanças ocorridas tanto nas empresas como na economia estão a colocar em destaque os elementos da Inteligência Emocional” (2006: 111), evidência que se repercute nos estudantes atuais e nas expectativas dos mercados de trabalho, que já perscruta nos recém-licenciados, e não só na sua formação académica, mas também nas suas habilidades sociais e emocionais, como destacam Caruso & Salovey (2004). É, portanto, essencial que os estudos prossigam, que o marco teórico do conceito se vá determinando de forma mais estável, pelo que é de todo necessário investigação e formação específica nesta temática.

### Para aprofundar

- Adeyemo, D. A. (2007). Moderating influence of emotional intelligence on the link between academic self-efficacy and achievement of university students. *Psychology Developing Societies*, (19) 2: 199-213.
- Caruso, D., & Salovey, P. (2004). *The emotionally intelligent manager*. New Jersey: Jossey Bass.
- Damáio, A. (1995). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Lisboa: Europa-América.
- Fayombo, G. A. (2012). Relating emotional intelligence to academic achievement among university students in Barbados. *The International Journal of Emotional Education*, 4 (2): 43-54.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas. A teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gibbs, N. (1995). The EQ factor. *Time*, 146: 60-68.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Goleman, D. (1999). *Trabalhar com inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- Key, L., Thomas, S., Hunter, T., Morote, E., & Tatum, S. (2015). Effects of mentorship on assistant superintendents and their emotional intelligence, challenges, and the desire to become a superintendent. *Journal for Leadership and Instruction*, 14 (1): 32-37.
- Kolb, S. M., & Hanley-Maxwell, C. (2003). Critical social skills for adolescents with high incidence disabilities: Parental perspectives. *Exceptional Children*, 69 (2): 163-179.
- Kouzes, J. M., & Posner, B. Z. (2011). Leadership begins with an inner journey. *Leader to Leader*: 22-27.
- LeDoux, J. (2000). *O cérebro emocional. As misteriosas estruturas da vida emocional*. Lisboa: Pergaminho.
- Lopes, P. N., Salovey, P., & Straus, R. (2003). Emotional intelligence, personality, and the perceived quality of social relationships. *Personality and Individual Differences*, 35 (3): 641-658.
- Lyons, J. B., & Schneider, T. R. (2005). The influence of emotional intelligence on performance. *Personality and Individual Differences*, 39: 693-703.
- Mahdi, S., Mohammadreza, A., Alireza, G., & Alaleh, Z. (2016). A study of the effect of education and academic environment on emotional intelligence on accounting students in Iran. *International Education Studies*, 9 (1): 182-188.
- Matthews, G., Zeidner, M., & Roberts, R. D. (2002). *Emotional intelligence: Science and myth*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.
- Mayer, J. D., Roberts, R. D., & Barsade, S. G. (2008). Human abilities: Emotional intelligence. *Annual Review of Psychology*, 59: 507-536.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey, & D. Sluyter (org.), *Emotional development and emotional intelligence: Implications for educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2000). Models of emotional intelligence. In R. J. Sternberg (org.), *Handbook of intelligence* (pp. 396-420). New York: Cambridge.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2002). *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT) user's manual*. Toronto: MHS Publishers.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. R. (2004). A further consideration of the issues of emotional intelligence. *Psychological Inquiry*, 15 (3): 249-255.
- Nasir, M., & Masrur, R. (2010). An exploration of emotional intelligence of the students of IIUM in relation to gender, age and academic achievement. *Bulletin of Education and Research*, 32 (1): 37-51.
- Nelson, D., & Low, G. (2005). Emotional intelligence: The role of transformative learning in academic excellence. *Texas Study of Secondary Education*, 13: 7-10.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2011). Education and skills. Acedido em janeiro de 2016 em <http://www.oecd.org/education/Directorate-for-education-and-skills-brochure.pdf>
- Parker, J., Summerfeldt, L., Hogan, M., & Majeski, S. (2004). Emotional intelligence and academic success: Examining the transition from high school to university. *Personality and Individual Differences*, 36: 163-172.

- Queirós, M. (2014). *Inteligência emocional. Aprenda a ser feliz*. Porto: Porto Editora.
- Richburg, M., & Fletcher, T. (2002). Emotional intelligence: Directing a child's emotional education. *Child Study Journal*, 32: 31-38.
- Rychen, D. S., & Salganik, L. (2006). *Competencias clave para el bienestar personal, económico y social*. Málaga: Aljibe.
- Salovey, P., & Mayer, J. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9: 185-211.
- Siqueira, M. M., Barbosa, N. C., & Alves, M. T. (1999). Construção e validação fatorial de medida de inteligência emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15: 143-152.
- Sünbül, A. M., & Aslan, Y. (2007). The relationship between emotional intelligence and achievement among 1<sup>st</sup> and 4<sup>th</sup> grade faculty students. Acedido em 22 de março de 2018 em <http://tef.selcuk.edu.tr/salan/sunbul/e/e5f.doc>
- Veiga-Branco, A. (2005). *Competência emocional em professores. Um discurso do campo educativo*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal.
- Veiga-Branco, A., Marques-Teixeira, J., Correia, J. A. (2013). *Gestão de emoções em grupos. Uma teoria fundamentada nos dados*. In I Congresso Internacional "Construir a Paz", Porto, 15-16 de junho (pp. 175-181).
- Veiga-Branco, A. (2015). Entre a inteligência emocional, competência emocional e educação emocional - pertinência de aplicação. In A. Veiga-Branco (ed.), *Livro de atas do 11 seminário internacional em I.E. 2015* (pp. 11-20). Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Yong, B. (2013). Relationship between emotional intelligence, motivation, integrity, spirituality, mentoring and servant leadership practices. *Arts and Social Sciences Journal* (volume 2013). Acedido em 14 de julho de 2016 em [http://astonjournals.com/manuscripts/Vol2013/ASSJ-67\\_Vol2013.pdf](http://astonjournals.com/manuscripts/Vol2013/ASSJ-67_Vol2013.pdf)

Maria Augusta Veiga Branco

num ou mais contextos culturais, assumindo-se que o mapa cerebral sugeria a existência de áreas distintas de funcionamento inteligente.

Gardner opõe-se a uma interpretação da inteligência assente em resultados de testes e argumenta que a inteligência deve ser avaliada a partir do desempenho. Segundo esta teoria, a tónica deve ser colocada em "como se é inteligente" e não em "quão inteligente se é", i.e., esta abordagem acentua os conteúdos da inteligência. A base é a definição de sete tipos de inteligências independentes umas das outras (linguística, matemática, musical, espacial, cinestésica, interpessoal e intrapessoal), às quais o autor acrescentou posteriormente a naturalista, não excluindo as inteligências existencial e espiritual de candidatas a tipos de inteligência. Assim, a produção criativa num dado domínio está dependente de um determinado tipo de inteligência ou da combinação de várias – e não da nominada inteligência geral.

Esta teoria rompeu com as fronteiras típicas de uma conceção lógica da inteligência, abrindo os horizontes para na mais lata, que denota a complexidade do fenómeno a que chamamos "inteligência". Aquilo que se defende que todas as pessoas possuem cada um dos oito tipos de inteligência qualquer uma pode ser treinada e melhorada.

Os oito tipos de inteligência definem-se do seguinte modo:

Inteligência linguística é a capacidade de dominar a linguagem oral e escrita e de comunicar com outros de forma eficaz. Implica o domínio



## ÍNDICE GERAL DAS ENTRADAS

<b>Academia de Código</b>	
Alcina Cerdeira . . . . .	3
<b>Academia do Empreendedor</b>	
José Paulo Rainho e Eva Andrade . . . . .	4
<b>Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo</b>	
Ana Alonso . . . . .	8
<b>Altice Labs</b>	
Carlos Sá Carneiro . . . . .	10
<b>Animação Sociocultural</b>	
Marcelino de Sousa Lopes . . . . .	12
<b>Animação Turística</b>	
Marcelino de Sousa Lopes . . . . .	15
<b>Antiempreendedorismo</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	17
<b>Aplicações Informáticas (Apps)</b>	
Laura Bruis Ponce . . . . .	23
<b>Aprendizagem ao Longo da Vida</b>	
Carla Santos, Elisete Martins e Paula Campos . . . . .	25
<b>Aprendizagem Baseada em Projetos</b>	
Paulo C. Dias . . . . .	28
<b>Aprendizagem Cooperativa</b>	
Rita Balsa Pinho . . . . .	32
<b>Aprendizagem Experiencial</b>	
Rita Balsa Pinho . . . . .	33
<b>Aprendizagem-Serviço</b>	
Ana Martins, Isabel Martins e Orlando Pereira . . . . .	34
<b>Arco Maior</b>	
Joaquim Azevedo . . . . .	36
<b>Arte Urbana</b>	
José Luiz de Almeida Silva . . . . .	38
<b>ASA Social Angels</b>	
Sandrina Oliveira . . . . .	39
<b>Assertividade</b>	
Paula Vagos . . . . .	40
<b>Associação Eneagrama de Portugal</b>	
Paulo Antunes . . . . .	42
<b>Associação Internacional para a Defesa da Pessoa Ostmizada</b>	
Vitor Bento Munhão . . . . .	43
<b>Associação Nacional de Jovens Empresários</b>	
Rafael Alves Rocha . . . . .	45
<b>Associativismo</b>	
Renato Pistola . . . . .	47
<b>Ativar e Construir o Futuro</b>	
Manuel Barros . . . . .	53
<b>Autoconhecimento</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	54
<b>Autodeterminação</b>	
Anabela Sousa Pereira . . . . .	58

<b>Autoeficácia</b>	
Anabela Sousa Pereira. . . . .	59
<b>Autoestima</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	60
<b>Autonomia Financeira</b>	
José António Porfírio e Bernardo Figueiredo. . . . .	63
<b>Autorrealização</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	64
<b>Avaliação da Inovação Social</b>	
Marta Ferreira Dias . . . . .	67
<b>Avaliação Financeira</b>	
José Neto . . . . .	69
<b>Balanced Scorecard</b>	
José António Porfírio e Bernardo Figueiredo. . . . .	71
<b>Benchmarking</b>	
Maria José Sousa . . . . .	76
<b>Bíblia</b>	
Herculano Alves . . . . .	76
<b>Biocant Park</b>	
Biocant Park . . . . .	81
<b>Biofeedback</b>	
Paulo Chaló. . . . .	83
<b>Biografias Empreendedoras</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	85
<b>Blogger/Vlogger</b>	
Ana Santiago . . . . .	87
<b>Business Angel</b>	
Miguel Henriques . . . . .	91
<b>Capital de Risco</b>	
Marco Fernandes. . . . .	92
<b>Capital Humano</b>	
João Leitão . . . . .	96
<b>Capitalismo</b>	
João Filipe Soares Mila Porfírio. . . . .	98
<b>Capital Psicológico</b>	
Arménio Rego . . . . .	102
<b>Capital Social</b>	
José Eduardo Franco. . . . .	104
<b>Carreira Profissional</b>	
Carla Santos, Elisete Martins e Paula Campos . . . . .	106
<b>Casa do Farol</b>	
Rafael Alves Rocha. . . . .	108
<b>Casa do Professor</b>	
Hilário Fernandes C. de Sousa . . . . .	109
<b>Centro de Empreendedorismo</b>	
José Paulo Rainho e Eva Andrade . . . . .	111
<b>Centro de Prova de Conceito</b>	
José Paulo Rainho e Eva Andrade . . . . .	113
<b>Certificação de Competências</b>	
Ana de Fátima Janeiro, Rosário Neves e Luís Silva . . . . .	115
<b>Cibersegurança</b>	
Nuno Cruz . . . . .	116
<b>Cidade Empreendedora</b>	
António Manuel Figueiredo . . . . .	118
<b>Ciência</b>	
Carlos Fiolhais . . . . .	121
<b>Ciências do Consumo</b>	
Fernanda Pereira. . . . .	122
<b>Coaching</b>	
Cláudia Ribeiro. . . . .	125
<b>Comércio Eletrónico</b>	
Beatriz Casais. . . . .	129
<b>Competência Emocional</b>	
Maria Augusta Veiga Branco . . . . .	132
<b>Competências Empreendedoras</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	135
<b>Computação na Nuvem</b>	
Luís Manuel da Costa Assunção . . . . .	142
<b>Comunicação Organizacional</b>	
Carla Santos, Elisete Martins e Paula Campos . . . . .	143
<b>Comunidade de Prática</b>	
Ana Melro e Lídia Oliveira . . . . .	147

<b>Comunidades Virtuais de Aprendizagem</b>	
José António Moreira e Sara Dias Trindade . . . . .	150
<b>Contrato</b>	
Luís Miguel Lucas Pires . . . . .	152
<b>Cooperação</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	153
<b>Cooperativismo</b>	
Renato Pistola . . . . .	157
<b>Coopetição</b>	
João Leitão . . . . .	161
<b>Coragem</b>	
Ramiro Marques . . . . .	163
<b>Coworking</b>	
Hugo Cavaleiro . . . . .	164
<b>Criação de Valor</b>	
Carlos Miguel Oliveira . . . . .	166
<b>Criatividade</b>	
Sara Bahia . . . . .	168
<b>Crise Económica</b>	
Tiago Carrilho . . . . .	174
<b>Crowdfunding</b>	
Joana Lima . . . . .	178
<b>Cuidados Individualizados</b>	
Manuela Teixeira . . . . .	179
<b>Cultura Empreendedora</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	181
<b>Currículo Criativo</b>	
Annabela Rita . . . . .	184
<b>Design Thinking</b>	
Teresa Paiva . . . . .	187
<b>Dignidade Humana</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	188
<b>Dinâmicas de Grupo</b>	
Sónia Alexandre Galinha . . . . .	191
<b>Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia</b>	
Natalina Cristóvão . . . . .	194
<b>Dislexia</b>	
Cecília Chá-Chá . . . . .	195
<b>DNA Cascais</b>	
Rodrigo Castro . . . . .	199
<b>Drones</b>	
Álvaro Eduardo Correia Neves . . . . .	200
<b>Economia Circular</b>	
Filipa Carlos . . . . .	204
<b>Economia Comportamental</b>	
Júlio P. S. Martins . . . . .	207
<b>Economia Criativa</b>	
Ricardo Carvalho . . . . .	208
<b>Economia da Felicidade</b>	
Diamantino Ribeiro . . . . .	210
<b>Economia de Comunhão</b>	
Luigino Bruni . . . . .	212
<b>Economia Social</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	215
<b>Economia Verde</b>	
Teresa Paiva . . . . .	218
<b>EcosMachico</b>	
Rafael Fonseca . . . . .	221
<b>Ecossistemas Digitais de Aprendizagem em Rede</b>	
Domingos Caeiro e José António Moreira . . . . .	222
<b>Educação Emocional</b>	
Maria Augusta Veiga Branco . . . . .	224
<b>Educação Empreendedora</b>	
Jacques Fernandes da Silva . . . . .	227
<b>Educação no Tempo Livre</b>	
Marcelino de Sousa Lopes . . . . .	232
<b>Educação para a Saúde</b>	
Maria Helena Sardinha Borges . . . . .	234
<b>Educação para o Empreendedorismo Social</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	237
<b>Educação pela Arte</b>	
Filomena Ermida da Ponte . . . . .	241

<b>Empatia</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	242
<b>Empowerment</b>	
Anabela Sousa Pereira . . . . .	245
<b>Empreendedores por Conta de Outrem</b>	
Cláudia Evangelista Almeida . . . . .	246
<b>Empreendedorismo</b>	
José António Porfírio . . . . .	249
<b>Empreendedorismo como Estratégia</b>	
António Carrizo Moreira . . . . .	255
<b>Empreendedorismo Corporativo</b>	
Eduardo Vilas Boas . . . . .	258
<b>Empreendedorismo Intergeracional</b>	
Cristina Palmeirão . . . . .	261
<b>Empreendedorismo Local</b>	
José Henriques Soares . . . . .	264
<b>Empreendedorismo Musical</b>	
Maria do Rosário da Silva Santana . . . . .	267
<b>Empreendedorismo na Educação de Infância</b>	
Marlene Rocha Migueis . . . . .	268
<b>Empreendedorismo nas Regiões Ultraperiféricas</b>	
Carmen Freitas . . . . .	270
<b>Empreendedorismo no Desporto</b>	
Jorge Humberto Dias . . . . .	273
<b>Empreendedorismo no Ensino Secundário</b>	
Anabela Dinis . . . . .	276
<b>Empreendedorismo no Feminino</b>	
Cristina Leonardo Soutinho, Luísa Cagica Carvalho e Teresa Paiva . . . . .	279
<b>Empreendedorismo Religioso</b>	
Paulo Rocha . . . . .	281
<b>Empreendedorismo Sénior</b>	
João M. S. Carvalho . . . . .	284
<b>Empreendedorismo Social</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	287
<b>Empreendedorismo Social em Portugal</b>	
Filipa Carlos . . . . .	291
<b>Empreende Jovem</b>	
Paula Cardoso e Ricardo Carvalho . . . . .	295
<b>Empregabilidade</b>	
Maria Fernanda Pires Ribeiro . . . . .	296
<b>Empresa Social</b>	
António Fernandes . . . . .	299
<b>Eneagrama da Personalidade</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	301
<b>Energy Harvesting</b>	
Carlos Carvalho . . . . .	305
<b>Entrevistas a Empreendedores</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	307
<b>Erasmus+</b>	
Joaquim Castro de Freitas . . . . .	309
<b>Escola Empreendedora</b>	
Agostinho Inácio Bucha . . . . .	310
<b>Escola mais Feliz</b>	
Francisco A. Caldeira . . . . .	315
<b>Escola Oficina</b>	
Diana Mota . . . . .	316
<b>Escolas Empreendedoras IN.Ave</b>	
Sandra Pereira . . . . .	317
<b>Escolas Profissionais</b>	
Joaquim Azevedo . . . . .	319
<b>Esperança</b>	
Catarina Santos . . . . .	323
<b>Espiritualidade</b>	
Eugénia Abrantes Magalhães . . . . .	325
<b>Estratégia</b>	
António Carrizo Moreira . . . . .	331
<b>Estratégia Oceano Azul</b>	
José António Porfírio . . . . .	333
<b>Estratégias de Educação para o Empreendedorismo</b>	
Jacinto Jardim e Hélder António de Mendonça e Silva . . . . .	338
<b>Ética</b>	
Acácio Sanches . . . . .	342
<b>Excelência</b>	
Leandro Almeida . . . . .	344

<b>Falar em Público</b>	
Annabela Rita . . . . .	345
<b>Famalicão Made IN</b>	
Leonel Rocha e Augusto Lima . . . . .	348
<b>Feira de São Martinho</b>	
Adelaide Lima . . . . .	349
<b>Felicidade</b>	
Paulo Alves . . . . .	350
<b>Ferramentas Digitais para a Investigação</b>	
António Pedro Costa . . . . .	354
<b>Finanças Empresariais</b>	
Lúis Pedro Krug Pacheco . . . . .	356
<b>Financiamento</b>	
José Paulo Rainho e Eva Andrade . . . . .	359
<b>Florescimento Humano</b>	
Helder Miguel Fernandes . . . . .	362
<b>Formação Empreendedora</b>	
Irene Martins . . . . .	363
<b>Franchising</b>	
Lúisa Cagica Carvalho . . . . .	364
<b>Fundação da Juventude</b>	
Ricardo Carvalho . . . . .	365
<b>Fundação Lapa do Lobo</b>	
Rui Fonte . . . . .	366
<b>Geração Móvel</b>	
Adelina Moura . . . . .	367
<b>Gestão</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	369
<b>Gestão de Projetos</b>	
Adérito Gomes Barbosa, Mahomed Nazir Ibraimo e Martins dos Santos Vilanculos Laita . . . . .	373
<b>Gestão do Conhecimento</b>	
António Eduardo Martins e Marc Jacquinet . . . . .	378
<b>Gestão do Tempo</b>	
Anabela Sousa Pereira . . . . .	380
<b>Globalização Económica</b>	
Tiago Carrilho . . . . .	381
<b>Globalização e Glocalização</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	383
<b>Gratidão</b>	
Paulo Alves . . . . .	385
<b>Hamburgueria Insular</b>	
Filipa Luís Brasil . . . . .	388
<b>História do Empreendedorismo</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	389
<b>Honestidade</b>	
Ramiro Marques . . . . .	391
<b>Hospitalidade</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	392
<b>IAPMEI</b>	
Susana Mourato Alves-Jesus . . . . .	393
<b>Idadismo</b>	
Maria Manuela Jacob Cebola . . . . .	394
<b>Idear</b>	
Naira Libermann . . . . .	396
<b>Identificação Digital</b>	
Vitor Vaz da Silva . . . . .	397
<b>Incubadora Regional de Inovação Social</b>	
Liliana Ribeiro . . . . .	398
<b>Indicadores de Empreendedorismo</b>	
José António Porfírio . . . . .	400
<b>Iniciativa de Inovação e Empreendedorismo Social</b>	
Filipe Almeida . . . . .	403
<b>Inovação Aberta</b>	
João Leitão . . . . .	404
<b>Inovação Disruptiva</b>	
Ana Clara Cândido . . . . .	406
<b>Inovação Social</b>	
Marlene Amorim . . . . .	409

<b>Instituições Particulares de Solidariedade Social</b>	
Francisco da Conceição Caldeira . . . . .	414
<b>Instituto Português do Desporto e da Juventude</b>	
Carlos Manuel Pereira . . . . .	418
<b>Insucesso Escolar</b>	
Darlinda Moreira . . . . .	420
<b>Inteligência Emocional</b>	
Maria Augusta Veiga Branco . . . . .	424
<b>Inteligências Múltiplas</b>	
Sara Bahia . . . . .	431
<b>Internacionalização</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	434
<b>Intraempreendedorismo</b>	
Soumodip Sarkar e Maria de Lurdes Calisto . . . . .	436
<b>Investigação em Educação para o Empreendedorismo</b>	
Rosa Maria Gomes . . . . .	439
<b>Jesuítas</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	443
<b>Justiça Económica e Social</b>	
José Renato Gonçalves . . . . .	448
<b>Kaizen</b>	
Mário Negas . . . . .	457
<b>Kauffman Foundation</b>	
Tiago Carrilho . . . . .	459
<b>Lean Management</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	461
<b>Leitura</b>	
Joana Cruz . . . . .	463
<b>Liderança</b>	
Arménio Rego e Miguel Pina e Cunha . . . . .	465
<b>Liderança Diferenciada</b>	
Fernando Magalhães . . . . .	472
<b>Liderança Humanizada</b>	
Ana Martins . . . . .	473
<b>Liderança na Era Digital</b>	
Alfredo Behrens . . . . .	475
<b>Liquidez</b>	
José António Porfírio e Bernardo Figueiredo . . . . .	477
<b>Literatura</b>	
Lúisa Marinho Antunes Paolinelli . . . . .	479
<b>Living Labs</b>	
Liliana Domingues . . . . .	482
<b>Locus de Controlo Interno</b>	
Anabela Sousa Pereira e Elisabeth de Jesus Oliveira Brito . . . . .	488
<b>Loja Botão Solidário e Oficina Solidária</b>	
Madalena Nunes . . . . .	488
<b>Marca Pessoal</b>	
Dana T. Redford . . . . .	490
<b>Marketing</b>	
Carlos Melo Brito . . . . .	492
<b>Marketing Digital</b>	
Jorge Remondes . . . . .	495
<b>Massive Open Online Course</b>	
Glória Bastos . . . . .	497
<b>Meditação</b>	
Alexandra Gomes e Raquel Ala dos Reis . . . . .	499
<b>Mentoring</b>	
Cláudia Ribeiro . . . . .	500
<b>Mobile-learning</b>	
Acácio Sanches . . . . .	503
<b>Mobilidade Social</b>	
Dayse Neri de Souza . . . . .	506
<b>Moda</b>	
Nuno Oliveira Marques . . . . .	508
<b>Modelo 4is</b>	
João M. S. Carvalho . . . . .	514

<b>Modelo Core Organisational Stakeholder Impact</b>	
João M. S. Carvalho . . . . .	516
<b>Modelo de Inovação e Diferenciação 8P</b>	
João M. S. Carvalho . . . . .	518
<b>Modelo de Negócio Canvas</b>	
Susana Velasquez . . . . .	520
<b>Modelo de Negócio Digital</b>	
Nuno Gonçalves . . . . .	524
<b>Modelo de Negócio Eu</b>	
Jacinto Jardim . . . . .	532
<b>Modelo de Negócio Sustentável</b>	
Cristina Leonardo Soutinho, Luísa Cagica Carvalho, Sérgio Leal e Teresa Paiva . . . . .	535
<b>Modelo Pedagógico dos Colégios Jesuítas da Catalunha</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	538
<b>Modelo REQI</b>	
João M. S. Carvalho . . . . .	540
<b>Modelos de Negócio</b>	
Carlos Martins . . . . .	541
<b>Motivação</b>	
Sónia Alexandre Galinha . . . . .	544
<b>Movimento de Transição</b>	
Paula Soares . . . . .	548
<b>Movimento do Altruísmo Eficaz</b>	
Rui Maia Rego . . . . .	549
<b>Mutualismo</b>	
Ana Catarina Rocha . . . . .	551
<b>Narração Criativa</b>	
Giuseppe Errico . . . . .	554
<b>Nativos Digitais</b>	
Aurora Abreu . . . . .	559
<b>Negociação</b>	
Nuno Santos Jorge . . . . .	565
<b>Networking</b>	
Dana T. Redford . . . . .	566
<b>Neuromarketing</b>	
Fernando Rodrigues . . . . .	568
<b>Ordens Religiosas</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	570
<b>Organizações Autentizóticas</b>	
Arménio Rego . . . . .	572
<b>Organizações Empáticas</b>	
Sónia Alexandre Galinha . . . . .	574
<b>Organizações Felizes</b>	
Fernando Batista . . . . .	577
<b>Organizações Positivas</b>	
Sónia Alexandre Galinha . . . . .	580
<b>Outdoor Training</b>	
Mário Alberto Santos . . . . .	582
<b>Outsourcing</b>	
Luísa Cagica Carvalho . . . . .	584
<b>Parcerias para o Apoio ao Autoemprego</b>	
Tiago Carrilho . . . . .	587
<b>Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto</b>	
Carlos Melo Brito . . . . .	589
<b>Pedagogia Crítica</b>	
Américo Nunes Peres . . . . .	591
<b>Pedagogia da Descoberta Orientada</b>	
Rita Balsa Pinho . . . . .	593
<b>Pedagogia Diferenciada</b>	
Rita Balsa Pinho . . . . .	595
<b>Pedagogia Escutista</b>	
João Marques da Costa . . . . .	596
<b>Pensamento Crítico</b>	
Viorica Alich . . . . .	599
<b>Pessoa</b>	
Paulo Jorge Moreira Coelho . . . . .	601
<b>Plano de Investimentos</b>	
António Eduardo Martins . . . . .	603
<b>Plano de Marketing</b>	
Carla Caria . . . . .	606

<b>Plano de Negócios</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	608
<b>Plataforma para a Educação do Empreendedorismo em Portugal</b>	
Dana T. Redford . . . . .	610
<b>Pobreza</b>	
Paulo Fernando Bento . . . . .	612
<b>Poder Local</b>	
Cláudia Azevedo . . . . .	614
<b>Poliempreende</b>	
Maria Potes Barbas . . . . .	615
<b>Políticas Empreendedoras</b>	
João Relvão Caetano . . . . .	617
<b>Políticas Públicas</b>	
João Leitão . . . . .	620
<b>Portfolio Digital</b>	
Sérgio Leal e Luísa Cagica Carvalho . . . . .	622
<b>Portugal Inovação Social</b>	
Filipe Almeida . . . . .	623
<b>Pós-Verdade e Educação</b>	
Acácio Sanches . . . . .	624
<b>Processo Empreendedor</b>	
Fernando C. Gaspar . . . . .	629
<b>Produto Interno Bruto</b>	
Marc Jacquinet . . . . .	634
<b>Projeto de Vida</b>	
Jorge Humberto Dias e Leonor Haydée Viegas . . . . .	638
<b>Projeto Raiz</b>	
Elísio Gala . . . . .	641
<b>Projetos Culturais</b>	
José Luiz de Almeida Silva . . . . .	643
<b>Propriedade Intelectual</b>	
José Paulo Rainho e Eva Andrade . . . . .	646
<b>Protestantismo</b>	
Jonatas Silva Meneses . . . . .	648
<b>Protocolo</b>	
Carla Caria . . . . .	650
<b>Psicologia Política</b>	
Fernanda Pereira . . . . .	652
<b>Psicologia Positiva</b>	
Helena Águeda Marujo e Luís Miguel Neto . . . . .	655
<b>Quinta do Sobral</b>	
Cristina Simões . . . . .	658
<b>Realidade Virtual</b>	
Hugo Almeida . . . . .	659
<b>(Re)Conhecer Guimarães</b>	
Adelina Paula Pinto . . . . .	660
<b>Recursos Humanos</b>	
Victor Paulo Gomes da Silva . . . . .	661
<b>Recursos Humanos na Era Digital</b>	
Ana Paula Pinto, José Joaquim Moreira, António Lencastre Godinho, Carlos Miguel Oliveira e Manuel Pinto Teixeira . . . . .	664
<b>Red EmpreendeSur – Red Empreendedorismo e Innovación en América Latina</b>	
Pedro Vera Castillo, Bezamat de Souza Neto, Andrés Mauricio Higueta Palacio e Jorge Pablo Sela . . . . .	666
<b>Redes Sociais</b>	
Ana Santiago . . . . .	668
<b>Religião</b>	
José Eduardo Franco . . . . .	672
<b>Resiliência</b>	
Vânia Carvalho, Maria José Chambel e Pedro Cordeiro . . . . .	674
<b>Responsabilidade Social</b>	
Cláudia Calheiros . . . . .	675
<b>Robótica Educativa</b>	
Carlos Sousa . . . . .	678
<b>Sabedoria</b>	
Paulo Alves . . . . .	679
<b>Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Departamento de Empreendedorismo e Economia Social</b>	
Gustavo Freitas . . . . .	682

- Santarém EmpCriança**  
Sónia Seixas . . . . . 683
- Secretariado**  
Carla Caria . . . . . 685
- Segurança Alimentar**  
Filipa Melo Vasconcelos . . . . . 687
- Seguros**  
Joaquim Monteiro da Silva . . . . . 688
- Serendipidade**  
Filomena Ermida da Ponte  
e Jacinto Jardim . . . . . 690
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro  
e Pequenas Empresas**  
Natália Fernandes . . . . . 691
- Serviço Social**  
Ana Teixeira e Cláudia Moura . . . . . 693
- Smart TV**  
Hugo Almeida . . . . . 694
- Sobredotação**  
Alberto Rocha e Filomena Ermida  
da Ponte . . . . . 695
- Solidariedade**  
José Agostinho de Figueiredo Sousa . . . 696
- Solvabilidade**  
José António Porfírio  
e Bernardo Figueiredo . . . . . 699
- Spin-Offs**  
Marco Fernandes . . . . . 700
- Startup Capital**  
Marc Jacquinet . . . . . 701
- Sucesso Organizacional**  
Eduardo Leite, Amélia Ferreira-da-Silva  
e Orlando Lima Rua . . . . . 704
- Teatro**  
Marcelino de Sousa Lopes . . . . . 705
- Tecnologias de Informação, Comunica-  
ção e Eletrónica**  
Vitor Vaz da Silva . . . . . 708
- Tecnologias na Educação**  
Acácio Sanches . . . . . 710
- Teoria Empreendedora dos Sonhos**  
Fernando Dolabela . . . . . 713
- Tomada de Decisão**  
Marc Jacquinet e Henrique Curado . . . 718
- Trabalho**  
Cândida M. Santos . . . . . 722
- Transferência da Aprendizagem**  
Maria Celeste Sousa Lopes . . . . . 725
- Treino Assertivo**  
Paula Vagos . . . . . 726
- Turismo e Desenvolvimento  
dos Espaços Rurais**  
Ana Isabel Ventura Lopes Ferreira . . . 729
- Universidade Empreendedora**  
Anabela Dinis . . . . . 732
- Utopia**  
José Eduardo Franco . . . . . 737
- Valores**  
Ramiro Marques . . . . . 739
- Valores Empreendedores  
na História Universal**  
Cristina Trindade . . . . . 741
- Vendas**  
Ana Teresa Penim  
e João Alberto Catalão . . . . . 746
- Voluntariado**  
Maria Celina de Sousa Rebelo  
Lopes Pires . . . . . 749
- Website**  
Filipa Pimentel . . . . . 752
- Youth Union of People with Initiative**  
Gil Pereira . . . . . 753
- YouTube**  
Carlos Augusto Castanheira . . . . . 756
- Ziguezague da Expatriação**  
Dora Cristina Moreira Martins . . . . . 757